

Folkcom 2007
X Conferência Brasileira de Folkcomunicação
15 e 18 de agosto de 2007

**Comunicação de massa e sincretismo cultural:
estereótipos, tradições, modismos e identidades
flutuantes**

Betania Maciel¹

Na longa história da guerra, surge um padrão que nos ajuda a entender melhor esta tão complexa atividade humana, uma “tensão fundamental” entre os habitantes das terras ricas e férteis e os povos pobres de regiões secas, frias ou montanhosas demais para serem cultivadas. Embora a expropriação de terras não seja o único motivo subjacente às guerras, segundo o historiador militar John Keegan a “guerra tende a ter mão única: das terras pobres para ricas e raramente no sentido inverso”. Os limites entre as terras aradas e as terras bárbaras, esta interface de conflitos, conseqüentemente foram delimitadas através de grandes fortificações, a maior e mais conhecida sendo a Grande Muralha da China, construída para afastar os nômades das estepes dos rios Yang-Tse e Amarelo. Mais do que repelir, porém, este limite físico servia para aculturar, para “achinesar” os povos nômades através dos assentamentos localizados em uma zona intermediária de ecologia mista, transmitindo-lhes pouco a pouco as crenças filosóficas sobre as quais a sociedade chinesa se erguia. Assim, a “Grande Muralha foi um instrumento civilizatório, um diafragma através do qual idéias potentes fluíram para fora para moderar o barbarismo dos que batiam perpetuamente em suas portas” (KEEGAN, 2006, p. 201). Um pensamento paralelo talvez

¹ Doutora em Comunicação – Universidade Metodista de São Paulo -UMESP, Mestre em Comunicação Rural - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Máster em Ciência Tecnologia e Sociedade – Universidade de Salamanca - USAL –Espanha. Professora do Programa de Mestrado em Extensão Rural - POSMEX- UFRPE e Presidente da Rede Folkcom. Email: betania_maciel@terra.com.br.

possa ser aplicado aos fluxos de informação, comunicação e transformação cultural característicos do mundo globalizado. Onde está a “Grande Muralha” que permeia os fluxos entre a cultura globalizada e a cultura popular? Assim como a guerra existe um fluxo de mão única, dos mais desfavorecidos em direção aos mais ricos, ou no caso da cultura este fluxo se inverte? E mais importante, o que acontece e quem são estes “colonos” que atuam na zona intermediária, de hibridização entre a cultura global e a cultura popular?

Para lá das dimensões geográficas, surge um novo tipo de território, que pode ser de base cultural, ideológica, idiomática, de circulação de informação etc. Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crenças etc.) são tão importantes quanto as de base física. São elementos propiciadores de elos culturais e laços comunitários que a simples delimitação geográfica pode não ser capaz de conter (PERUZZO, 2005, p. 74).

É possível que exista um lugar onde o sincretismo cultural possua contornos pacíficos, seja social e politicamente produtivo e não gere conflitos que enfraqueçam esse lugar?

Neste painel detenho-me a analisar a presença das culturas subalternas especificamente dentro de uma atenção minuciosa ao que tange o sincretismo cultural. Daí o tema de nossa introdução, pois nada como falar de guerra, um tema tão atual e constante nas mídias, para que possamos visualizar esta multiplicidade cultural que é gerada por e ao mesmo tempo gera divisões, principalmente entre povos e entre sociedades.

Começamos pela escola de hoje que deve procurar organizar no seu Projeto Político Pedagógico, a intenção de desenvolver o currículo de forma integrada, de maneira que os conteúdos, mesmo que ainda organizados em disciplinas, sejam abordados por temas nas diversas disciplinas, as quais por sua vez, mantêm-se articuladas com a intenção de que o conhecimento construído pelos educandos venha a ajudá-los na análise, interpretação, compreensão e problematização dos fatos e dos fenômenos da realidade complexa em que vivem.

Como na educação, a comunicação é a multiplicação de informações, que leva o ser humano a utilizar os meios para transmitir, armazenar e criar linguagens. Desses meios, surge a comunicação mediada, na qual implicam-se geralmente mensagens que circulam entre grupos de pessoas, ou entre uma pessoa e um grupo.

O Brasil é um país não somente multicultural, mas multicolorido, a começar pela diversidade climática, possuímos diversidades raciais/étnicas, religiosas que se apresentam como qualquer outra diferenciação maior o de classe social, historicamente construída, caracterizado pelo sincretismo cultural.

A existência de minorias culturais, com contornos raciais/étnicos, religiosos, lingüísticos, gênero/orientação sexual e classe social são algumas das variáveis que se impõem contemporaneamente e se encontram inseridas artificialmente em sociedades com uma cultura majoritária e dominante, em permanente conflito com essa cultura dominante, até serem assimiladas ou crescerem o suficiente para destruir a cultura dominante e assumir o controle econômico e político da sociedade e das suas formas de organização global. E como todo país hoje nos apresenta esta situação.

Para se criar uma relação entre Folkcomunicação e sincretismo cultural não podemos deixar de recorrer às fontes historicamente construídas de nossa história como povo brasileiro. Em nosso país caracterizado pelo multiculturalismo, entretanto, a diferenciação mais evidente é exposta pela mídia todos os dias dentro de nossa casa, que é a de classe social, como qualquer outra, construída no decorrer da vida em sociedade. O respeito às múltiplas culturas do Brasil talvez melhore o *status* social, artístico ou religioso de muitos de nós. Mudanças, contudo, dependem diretamente da redistribuição de renda e do fim das imensas desigualdades entre ricos e pobres. Aí, sim, estaremos prontos para entender nosso país como país multicultural. Através de suas expressões culturais podemos ver a essência da etnicidade em desenvolvimento, o produto específico das configurações e das transformações de um povo.

E para entender estas características multiculturais e ao mesmo tempo sócio-econômicas e suas manifestações culturais, não poderíamos deixar de recorrer ao idealizador da Folkcomunicação, Luiz Beltrão, para tentar analisar o conjunto de

procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios que estejam direta ou indiretamente ligados ao folclore, desta forma estaremos mais perto da criação deste paralelo entre a Folkcomunicação e Multiculturalismo.

É importante primeiramente entendermos as nações que compõem este mosaico multicultural, definindo como nação a mais vasta sociedade de pessoas unidas por uma consciência e cultura comuns, embora ela ocupe um mesmo território, levando seus membros a possuírem uma identidade de interesses sobre o local e a terra. Sua unidade vital provém de um sentimento profundo de sua própria história, de sua religião ou de sua originalidade cultural, inclusive lingüística: uma nação pode existir como comunidade histórica e cultural, independentemente de autonomia política ou soberania estatal.

Segundo Pardo (1996 apud TADEU DA SILVA, 2000) o respeito à diferença não pode simplesmente significar “deixar que o outro seja como eu” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como sou diferente (do outro)”, mas “deixar que o outro seja como eu não sou”. A partir dessa discussão podemos considerar que a diversidade, a multiplicidade reafirma a cultura de cada um. A multiplicidade cultural estimula a diferença que se recusa a se fundir.

Podemos verificar este tipo de pensamento nos estudos das comunidades indígenas. Respeitar a cultura e entende que grupos diferenciados contribuem com suas manifestações culturais e populares dentro, da região. Em diversas regiões do país vemos culturas que se mesclam. A partir desta perspectiva podemos resgatar as palavras de Blanchot (1969 apud TADEU DA SILVA, 2000) “(...) acolher o outro como outro e o estrangeiro como estrangeiro; acolher outrem, em sua irredutível diferença, em sua estrangeiridade infinita”.

A existência de minorias culturais, com contornos raciais/étnicos, religiosos, lingüísticos, gênero/orientação sexual e classe social são algumas das variáveis que se impõem contemporaneamente e se encontram inseridas artificialmente em sociedades com uma cultura majoritária e dominante, em permanente conflito com essa cultura dominante, até serem assimiladas ou crescerem o suficiente para destruir a cultura dominante e assumir o controle econômico e político da sociedade e das suas formas de organização global.

Recorrendo a Marques de Melo (2005) podemos evidenciar que “costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na aldeia global” ou como sugere Octávio Ianni (1997) as metáforas e expressões que combinadamente circulam pela compreensão e interpretação do que seria o conceito de “fronteiras”, ou melhor, “sem fronteiras”: uma imensa Torre de Babel onde também convivem manifestações folclóricas com uma cultura globalizada. Mas ao mesmo tempo que alguns teóricos dos estudos culturais identificam um achatamento da cultura devido à globalização, “(...) padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local ressuscitam profusamente, facilitando a interação entre gerações diferentes, permitindo o resgate de celebrações, ritos, ritmos ou festas” (MARQUES DE MELO, 2005).

O sincretismo cultural no Brasil e no folclore é participar de diversos ambientes culturais. Se elegermos uma região especificamente, verificaremos que nela há formas distintas de sentir, pensar e agir, enfim valorizar seus rituais e confrontar suas participações dentro de uma sociedade maior. A discussão sobre sincretismo cultural obriga-nos também a redefinir o conceito de cultura, sobretudo, a alargá-lo para aí incluir um conjunto de diferenças comportamentais. As culturas são menos feitas de tradição do que de representações construídas pela história, suscetíveis de mudanças tal como vemos nas expressões artísticas apresentadas em suas formas primárias de manifestações.

Neste universo multicultural observamos formas diversificadas de comemorar datas referentes a colheitas, matrimônios, ritos de passagem e de iniciação. Formas também múltiplas de festejar o Carnaval, Natal e as festas juninas. Cada região, cada povo possui formas de expressões específicas embora convivam com grupos diferenciados.

Será que existe um lugar onde o multiculturalismo possua contornos pacíficos, seja social e politicamente produtivo e não gere conflitos que enfraqueçam esse lugar? Como na educação, a comunicação é a multiplicação de informações, que leva o ser humano a utilizar os meios para transmitir, armazenar e criar linguagens. Desses meios, surge a comunicação mediada, na qual implicam-se geralmente mensagens que circulam entre grupos de pessoas, ou entre uma pessoa e um grupo.

Essa abordagem sobre o sincretismo cultural tem o propósito de fortalecer através de registros, as conexões que a Folkcomunicação estabelece a partir do pensamento de Luiz Beltrão, acreditando que esta disciplina emergente está subdividida em áreas que de forma metodologicamente justificável, estamos construindo a partir da diversidade de manifestações e opiniões, idéias e atitudes de grupos de várias regiões do país, até mesmo cruzando mares, como no caso dos estudos registrados em Portugal e México que tem papel fundamental na colaboração dos estudos sobre o sincretismo cultural e sobre a Folkcomunicação.

Retomando nossas questões iniciais é indubitável que o campo dos estudos culturais, em um mundo modificado pela globalização e em um país caracterizado pela diferença como é o Brasil, mostra-se fundamental o reposicionamento da academia, enquanto geradora de conhecimento e como fonte de mudança social. E mais especificamente devemos refletir sobre o papel da Folkcomunicação em seu papel civilizatório e de intermediação de fluxos culturais, seja no eixo global-local, seja no eixo do desenvolvimento social e econômico de nosso país.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz . **Luiz Beltrão**: a Folkcomunicação não é uma comunicação classista (entrevista). *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, v. 10, n.57, 1987.

_____. **Mídia e Folclore**. São Paulo: UESP/MARINGÁ, 2001.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de fatos e expressões de idéias. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2001.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

BLANCHOT, M. **L'entretien infini**. Paris : Gallimard, 1969.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MELO, José Marques de. Folkcomunicação, contribuição brasileira à teoria da comunicação. In: BREGUEZ, Sebastião (org.). **Folkcomunicação**: resistência cultural na sociedade globalizada. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

PARDO, José Luis. El sujeto inevitable. In: CRUZ, Manuel (org.). **Tiempo de subjetividad**. Barcelona: Paidós, 1996. pp. 133-154.

TADEU DA SILVA, Tomaz. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. São Paulo: Vozes, 2000.